



FILIPE TEIXEIRA



## “SER O CORAÇÃO DE JESUS NA CIDADE”

Na celebração dos 50 anos da dedicação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, o Cardeal-Patriarca garantiu que “o coração de Deus ganha forma no coração de Jesus, que, agora, está presente no mundo através de quantos O recebem”. O pároco, cónego António Janela, perspetiva a vida desta paróquia da cidade inserida numa pastoral urbana. **pág.06**

Reportagem

Cardeal-Patriarca convida a seguir o exemplo de Santo António  
**pág.05**

Viver o anonimado como José  
**pág.08**

Papa lembra que “a esmola é ocasional, a partilha é duradoura”  
**pág.09**

### Igrejas Cristãs assinaram memorando para proteção do ambiente e sustentabilidade ecológica

Diversas Igrejas Cristãs em Portugal assinaram um memorando de entendimento para o desenvolvimento do programa ‘Eco Igrejas Portugal’. “O programa ‘Eco Igrejas Portugal’ representa um momento de viragem ao assinalar que não chega as Igrejas afirmarem o alinhamento dos seus princípios ecoteológicos, é necessário que também o demonstrem, através de projetos, com ações concretas e de forma transparente”, explicou Olga Romão, do Conselho Português das Igrejas Cristãs (COPIC), na introdução à assinatura que teve lugar na Catedral de São Paulo, da Igreja Lusitana, em Lisboa. Esta sessão, a 12 de junho, contou com a presença do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que sublinhou como a pandemia tem sido “uma provação e um desafio, também às Igrejas Cristãs”. Já o presidente da Conferência Episcopal, D. José Ornelas, salientou, em declarações à Agência Ecclesia e à Rádio Renascença, que no campo da proteção do ambiente “é possível e necessário” um caminho “com toda a humanidade”.

O memorando de entendimento foi assinado pelo COPIC, a Conferência Episcopal Portuguesa, a Aliança Evangélica, a ONG ‘A Rocha’ e a Rede ‘Cuidar da Casa Comum’ que vão dar apoio à viabilização do programa.

Entrevista

### “MISTÉRIO PASCAL, CENTRO DE TUDO”

Coordenadores do livro ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’, os padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto destacam “a forma de comunicar os mistérios da liturgia” do cónego Luís Manuel, antigo pároco da Sé, falecido há um ano. **pág.02**

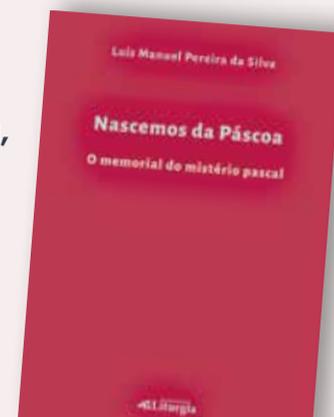


Padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto, coordenadores do livro 'Nascemos da Páscoa'

# “VOLTAR AO MISTÉRIO PASCAL”

É uma obra que reúne “o pensamento e a intuição” do cônego Luís Manuel, antigo pároco da Sé de Lisboa, falecido há um ano. ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’ teve a coordenação dos padres Carlos Pinto e Ricardo Jacinto que, em entrevista ao Jornal VOZ DA VERDADE, falam da oportunidade de “voltar àquilo que era a forma de comunicar os mistérios da liturgia e, em particular, este mistério pascal”, e destacam a importância deste sacerdote na vida da Igreja, “na esteira de grandes liturgistas”.

entrevista e fotos por Diogo Paiva Brandão



### ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’: que livro é este?

**Padre Carlos Pinto:** Foi quase imediato o título que surgiu para a obra, porque de facto acaba por ser o refrão de muito daquilo que vamos encontrar, por um lado, nas conferências ou nos textos que agora se apresentam, mas também aquilo que era muito o motor da maneira como o padre Luís dirigia e falava acerca destas coisas. Portanto, o objetivo principal foi não só recordar a pessoa dele, nesta ocasião do primeiro aniversário do falecimento [12 de junho], mas sobretudo fixarmos – porque não há nada escrito, ou há muito pouco – aquilo que fomos ouvindo ao longo do tempo, seja nas aulas, seja nas conferências. O desejo era podermos guardar, meditar e podermos voltar àquilo que era a forma de comunicar os mistérios da liturgia e, em particular, este mistério pascal, centro de tudo aquilo que ele ia falando e partilhando.

**Padre Ricardo Jacinto:** O empenho do cônego Luís Manuel nos vários afazeres que teve – a nível de professor de Filoso-

fia, de professor de Liturgia na Faculdade de Teologia, de diretor do Departamento de Liturgia do Patriarcado de Lisboa, de mestre de cerimónias patriarcais, de pároco da Sé e de muitas outras coisas em que era solicitado – foi tão grande que nós tínhamos necessidade de parar e tentar pôr alguma coisa por escrito. Habitualmente, nas conferências e nas formações que dava, ele levava muito pouca coisa escrita. Levava esquemas, levava textos de apoio, mas texto escrito, conferência escrita, era muito raro. Portanto, foi este trabalho de tentarmos pôr alguma coisa por escrito, que fixasse as intervenções dele.

### O que esta obra traz de novo?

**Padre Ricardo:** O que a Igreja tem de maior novidade – e isso para o cônego Luís Manuel era claro – é a certeza de que, mais do que tudo e acima de tudo, ela vive da Páscoa de Jesus. Portanto, o facto de entender-se a si próprio, entender a vivência dos mistérios, entender a vida da Igreja e até os outros, no modo como nos relacionamos com Ele, a partir da Pás-

coa, a partir da morte e da ressurreição de Cristo, dá uma crueza, mas ao mesmo tempo uma autenticidade, que era próprio do cônego Luís Manuel. É importante e necessário voltar à fonte, e esse era o objetivo contínuo do cônego Luís Manuel, em tudo o que dizia, em tudo o que fazia, em tudo o que celebrava. E a fonte, para nós, é clara: é a Páscoa de Cristo.

**Padre Carlos:** Ele tinha aquela expressão: ‘Nascemos na Páscoa, vivemos de Páscoa em Páscoa, até à Páscoa eterna’ – daí, também, o título do livro. Ouvir isto dele, da maneira como o dizia, como expressava esta realidade: paixão, morte e ressurreição, reduzindo o mistério a estes três momentos, mas ouvi-lo constantemente, com a maneira, a alegria e o entusiasmo, aquilo passa a ser novidade, no sentido de tornar-se uma redescoberta daquilo que é o princípio, a fonte, o cume de toda a nossa vida. Talvez os textos relidos neste contexto sejam uma novidade. Cristo é sempre o mesmo, mas a maneira como nos aproximamos d’Ele será uma novidade.

**Padre Ricardo:** O cônego Luís Manuel

tinha esta sabedoria, e certeza, de que de tudo o que a Igreja faz, de tudo o que a Igreja ensina, a fonte de onde parte, e onde quer sempre chegar, é a Páscoa de Cristo. Pela extensão da sua palavra, pela insistência da sua palavra, torna-se novidade, de facto.

### Como surgiu a oportunidade de publicar este livro?

**Padre Carlos:** Aquando da morte do cônego Luís Manuel, senti como apelo e desejo que pudéssemos passar a escrito alguma realidade do seu pensamento. Partilhei isto com o padre Ricardo e, a partir daí, foi tentar perceber, daquilo que foi a sua ação, onde poderíamos encontrar um corpus que fosse viável e em tempo útil, porque a ideia era podermos marcar o aniversário da morte com aquilo que de melhor podemos preservar, que é o seu pensamento e a sua intuição. As conferências proferidas nos encontros nacionais de Pastoral Litúrgica, em Fátima, entre 1997 e 2018, eram um corpus fácil de fixar, porque haviam os áudios todos



### ‘NASCEMOS DA PÁSCOA’

O livro ‘Nascemos da Páscoa - O memorial do mistério pascal’, do cônego Luís Manuel Pereira da Silva, está organizado em cinco capítulos, por conjuntos temáticos. No primeiro capítulo, encontram-se conferências que expõem o que é ‘A Liturgia’. No segundo, o seu pensamento sobre ‘A Celebração da Missa’, ajudando o leitor a entrar no mistério da Eucaristia. No terceiro, ‘A Arte de Celebrar’, com conferências especialmente dirigidas a sacerdotes e, no quarto capítulo, a ‘Espiritualidade’ da liturgia. No quinto e último capítulo, encontram-se conferências sobre ‘A Mistagogia’ dos Sacramentos da Iniciação Cristã e de outros símbolos usados nos ritos cristão.

A obra encontra-se à venda na Livraria Nova Terra, no Patriarcado de Lisboa.

Informações: <https://livros.liturgia.pt/382-nascemos-da-pascoa.html>

do Secretariado Nacional de Liturgia, a quem depois partilhámos esta intenção e que, automaticamente, abraçou como seu este projeto.

**Padre Ricardo:** A estas conferências juntou-se mais um ou outro documento que ele escreveu por causa de São Vicente, um sobre a água batismal na liturgia, uma comunicação ao Conselho Presbiteral, por causa do modo de celebrar, e também a homilia do senhor Patriarca nas exéquias do cónego Luís Manuel, que achámos conveniente e que se enquadrava dentro deste quadro.

### O cónego Luís Manuel falava dos mistérios de Cristo numa linguagem muito simples e muito vivida...

**Padre Ricardo:** As pessoas que têm muito conhecimento têm necessidade de fazer orações de sapiência. Os sábios falam de coisas importantes em linguagens simples, que as crianças entendam. Esta era, entre outras, uma característica do cónego Luís Manuel, que às vezes levava quase ao espanto. Ou seja, como é que conseguia falar de coisas tão densas, tão sérias e tão fundas de uma maneira tão acessível. Ele, de facto, era um comunicador espantoso. Ouvir os seus áudios e preparar os textos para a publicação foi de novo aproximarmo-nos de uma maneira de expressão, com exemplos comuns, às vezes até jocosos ou de brincadeira, mas tinha sempre a possibilidade, entre uma gargalhada e quase o choro, de nos levar ao centro da coisa. E isso não é capacidade de todos.

**Padre Carlos:** Nessa maneira de ser, entre o jocosos por vezes e o extrema-



O cónego Luís Manuel celebrou, em 2018, os 25 anos de ordenação sacerdotal

mente denso, era a experiência de ser, efetivamente, um mistagogo. Ele conduzia-nos, literalmente, ao mistério, por essa forma de falar, por essa forma de estar, às vezes a expressão do olhar – ele era muito expressivo em tudo, seja no tom de voz, seja no gesto. E tudo isso contribuiu, de facto, para chegar a este mistério da Páscoa.

### Já é possível ter noção da importância deste sacerdote na vida da Igreja?

**Padre Ricardo:** Penso que ainda é cedo para isso. Nessa vertente, a primeira expressão foi na tarde do dia 14 de junho de 2020, quando o senhor Patriarca [D. Manuel Clemente] presidiu às exéquias do senhor cónego Luís Manuel, na Sé de Lisboa, e o colocou como figura emi-

nente da renovação, ou da adaptação contínua, do movimento litúrgico em Portugal, na esteira de grandes liturgistas como monsenhor Pereira dos Reis, cónego José Ferreira ou padre Manuel Luís. O senhor Patriarca apresento-o como uma figura de relevo, não por grandes inovações, ou por grandes rasgos de novidade propriamente, mas pela insistência e vontade contínua de tornar, a todos, acessível a presença e a celebração dos mistérios. De não deixar ninguém para trás. Nunca vi o cónego Luís Manuel queixar-se e dizer ‘para aqueles, não vale a pena’. Fosse em ambientes pequenos, em ambientes nacionais, no estrangeiro, fosse para poucas ou para muitas pessoas, letradas ou não letradas, o cónego Luís Manuel sempre teve esta

preocupação contínua: a grandeza dos mistérios, de que a Igreja é guardiã e intérprete, torná-la acessível a todos, pela compreensão dos gestos, das palavras, do que celebra e de como celebra. E isso é admirável.

**Padre Carlos:** Quando tivemos o ano da liturgia na nossa diocese, no contexto do Sínodo, isso foi uma marca muito visível no rosto e na maneira como as pessoas saíam dos encontros com ele. Percebia-se este desejo de fazer chegar a todos a compreensão daquilo que se celebra. Talvez essa seja a grande marca dele, porque era a tônica, a constância daquilo que dizia, com este intuito muito particular de celebrar, celebrando, não apenas de estar, não apenas de assistente, mas, de facto, de testemunha de um mistério.



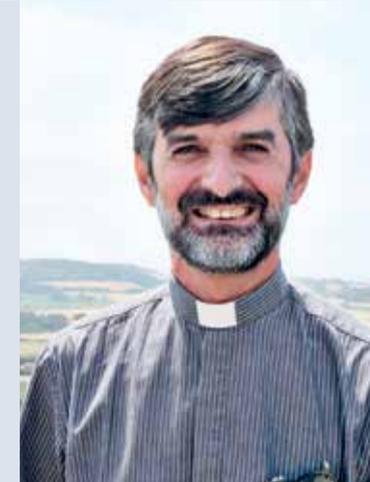
### O que mais recordam e guardam do cónego Luís Manuel? Que marcas deixou na vossa vida sacerdotal?

“Conheci o cónego Luís Manuel quando estava no ano propedêutico, no Seminário de Caparide. Ele fazia as aulas de Liturgia e no fundo era uma introdução e o descobrir a liturgia nesta vertente do mistério e desta compreensão do mistério da Páscoa que celebramos. Depois, na faculdade, e aí já num outro nível, e nas celebrações. Depois de ordenado, em 2009, fomos partilhando um pouco mais a vida, a dimensão do ministério. O que mais guardo dele é este amor à liturgia, que procuro vivê-lo pessoalmente e ajudar a viver neste sentido. Recordo a sua humanidade, a sua proximidade, a sua capacidade de acolher, de tornar simples e descomplicado aquilo que teimamos em complicar. Foi, de facto, um companheiro de viagem – curta, no meu caso –, que guardo muito. Aquilo que procuro fazer é recordar aquilo que ele fazia, e a maneira como fazia, e tentar percorrer esse caminho, em termos pessoais e com a própria comunidade.”

**Padre Carlos Pinto**

“Entrei no seminário em 1995, ainda estava o cónego Luís Manuel em Roma. Lembro-me de ele começar na Sé de Lisboa e do entusiasmo que foi, da sua parte, embelezar, cuidar da Sé e das celebrações patriarcais – uma tarefa concreta que lhe deu D. António Ribeiro. Muitas vezes estive na preparação das celebrações, e era tudo manifestação desse cuidado para que a celebração do Bispo tivesse e expressasse a beleza daquilo que é. Guardo isto, de facto. Depois, nunca cheguei junto do cónego Luís Manuel sem ser recebido com um abraço ou um sorriso. Portanto, o acolhimento, a delicadeza, o respeito. Fui ordenado em 2002, e foi o aproximar-me a nível do ministério. Com o tempo, de facto, posso dizer de verdade que fomos tornando praticamente confidentes. Pela proximidade, pelas conversas, pela direção espiritual quase mútua, tornei-me amigo e confidente. Nutria um amor reverente pelo seu Bispo, um cuidado contínuo para com a Igreja Mãe da Diocese de Lisboa, a nossa Sé Patriarcal, e um exímio cuidado pelas celebrações e pela arte de bem celebrar. Por convite do cónego Luís Manuel, comecei a colaborar com o Departamento de Liturgia no ano anterior ao ano da liturgia, para preparar e fazer os encontros vicariais na diocese inteira. Já na fase final da sua vida, posso testemunhar que oferece a sua doença e o seu sofrimento pelo Bispo de Lisboa e pelo clero de Lisboa. Raramente o vi lamentar-se ou queixar-se da sua circunstância, porque o seu modo de interpretar a sua situação era, de novo, em chave pascal. O modo de olhar a cruz, a inevitabilidade do túmulo, mas a certeza da ressurreição.”

**Padre Ricardo Jacinto**





P. Gonçalo Portocarrero de Almada

## Pedro e Paulo, fundadores da Igreja romana



São Pedro e São Paulo são os fundadores da Igreja romana, embora o protagonismo desta fundação é geralmente atribuído apenas ao que foi Bispo de Roma e primeiro Papa. Liturgicamente, contudo, o dia 29 de Junho continua a ser a solenidade de São Pedro e de São Paulo.

Como em tempos escreveu Joseph Ratzinger, na altura Bento XVI, “desde o princípio que a tradição cristã considerou Pedro e Paulo inseparáveis um do outro, embora tenham tido diferentes tarefas para realizar: Pedro foi o primeiro a confessar a sua fé em Cristo, e Paulo recebeu o dom de poder aprofundar a riqueza dessa fé. Pedro fundou a primeira comunidade de cristãos proveniente do povo eleito, e Paulo tornou-se o Apóstolo dos gentios. Com carismas diferentes, trabalharam para a mesma causa: a construção da Igreja de Cristo”.

Que também Paulo esteja associado, pelo seu martírio, à fundação da Igreja que preside à Cristandade é, decerto, um sinal de que a Igreja romana, assentando sobre aquele que o próprio Senhor escolheu como seu fundamento, alterando até o seu

nome originário, Simão, para o de Pedro, ou pedra, deve ser gerida em comunhão com todos os seus irmãos no episcopado e que, com Pedro e sob Pedro, partilham a solicitude pela Igreja universal.

Neste sentido, o governo ‘monárquico’ da Igreja universal é *sui generis*, na medida em que o exercício dessa sagrada potestade, embora tenha no romano pontífice o seu único titular, não reside apenas na sua pessoa, mas em todo o colégio episcopal, a que pertence e a que preside.

Graças ao Concílio Vaticano II, foi reforçada a colegialidade eclesial, quer ao nível do governo da Igreja universal, quer também das próprias dioceses. Os sínodos são uma feliz expressão dessa colegialidade da Igreja católica, quer quando se realizam em Roma, sob a presidência do Santo Padre, quer quando ocorrem a nível diocesano, sob a autoridade do Bispo correspondente.

É muito salutar que estes eventos sinodais, universais ou particulares, reforcem a comunhão eclesial, nomeadamente no que respeita a novas formas pastorais de acometer a missão evangélica e missionária da Igreja.

Não se trata já de definir novas verdades de fé, como aconteceu nos primeiros concílios ecuménicos, nem muito menos de reformular as bases doutrinárias sobre as quais assenta o anúncio cristão, mas descobrir novas formas de a Igreja universal e particular desempenhar a sua missão evangelizadora.

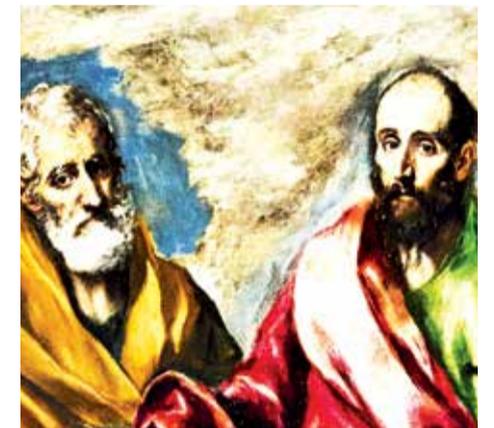
A questão da sinodalidade eclesial, agora suscitada pelo Papa Francisco, parece augurar uma nova etapa na história do pontificado romano e inaugurar uma nova perspectiva ecuménica. É certo que, desde tempos imemoriais, foi reconhecido ao Bispo de Roma uma especial autoridade eclesial, ao ponto do próprio Santo Agostinho, a propósito de uma polémica que tinha oposto vários bispos, ter concluído que a questão estava resolvida a partir do momento em que a Sé Apostólica se tinha pronunciado: Roma locuta, causa finita, ou seja, se Roma falou, o assunto está decidido.

O reconhecimento desta jurisdição universal da sede romana é também o que, caracterizando a Igreja católica, a distingue de outras confissões cristãs. A primazia jurisdicional do Bispo de Roma, que preside à caridade, é fundacional e, portanto, indisponível, na medida em que pertence ao núcleo irreformável da constituição eclesial.

Contudo, é possível encontrar novas formas de exercício desse serviço pastoral, que não

apenas valorizem a colegialidade, mas também possibilitem a reunificação de todas as igrejas cristãs. De facto, durante o primeiro milénio cristão, embora tenha havido dissidências pontuais, foi possível a unidade das principais igrejas cristãs, sob a égide romana. Assim tendo sido, não é temerário supor que também agora é possível encontrar novas formas de exercício da potestade petrina, em que se possam rever e integrar as igrejas ditas ortodoxas, bem como as confissões cristãs nascidas da reforma evangélica.

Vale a pena rezar para que o aprofundamento da sinodalidade eclesial não apenas favoreça a comunhão eclesial, mas também abra novas perspectivas ecuménicas, em ordem à realização do ideal de que todos os cristãos sejam uma só Igreja.



Guilherme d'Oliveira Martins

## Uma Igreja sinodal



O Concílio Vaticano II afirmou que a “Igreja conjuga orações e esforços para que se transforme o Mundo inteiro em Povo de Deus, Corpo do Senhor e Templo do Espírito Santo e para que em Cristo, Cabeça de todos, seja dada ao Pai e Criador do universo toda a honra e toda a glória” (LG, 17). Realiza-se em outubro de 2023 a 16ª assembleia geral do Sínodo dos Bispos, precedida por um processo inédito de consulta das assembleias diocesanas e continentais. O Sínodo tem por tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão” e decorrerá segundo uma “modalidade inédita”, que tem como objetivo possibilitar “a escuta real do Povo de Deus e garantir a participação de todos no processo sinodal”. Não se trata, pois, de um mero acontecimento, mas de um processo que envolve os fiéis, o Colégio Episcopal e Papa, cada um segundo a sua função. Recorde-se que o Papa Francisco publicou em 2018 a constituição apostólica ‘Episcopalis Communio’ na qual reforçou o papel do Sínodo dos Bispos, sublinhando a importância de prosseguir a dinâmica do Concílio Vaticano II. Se as assembleias sinodais têm sido consultivas, o Papa usa agora a prerrogativa prevista no Direito

Canónico, no sentido de atribuir ao Sínodo “poder deliberativo”. Com efeito, a constituição apostólica estabelece uma aproximação das assembleias sinodais ao modelo dos concílios ecuménicos.

A abertura do Sínodo de 2023 acontecerá na cidade do Vaticano, sob a presidência do Sumo Pontífice, nos dias 9 e 10 de outubro de 2021, e em cada diocese a 17 de outubro, sob a presidência do respetivo bispo. Assim, dar-se-á início à “fase consultiva” da 16ª assembleia do Sínodo, a partir de um documento preparatório, um questionário e um guião com propostas de consulta em cada diocese. Cada bispo nomeia um responsável ou uma equipa para a consulta sinodal, devendo cada Conferência Episcopal fazer o mesmo. A consulta ao Povo de Deus, em cada diocese, culminará numa reunião com a equipa responsável que contribuirá para apresentação da reflexão diocesana, devendo as conclusões de cada diocese ser enviadas à respetiva Conferência Episcopal, para redação de uma síntese que deve chegar ao Vaticano até abril de 2022. Os contributos envolvem a Cúria, Universidades, Uniões de Superiores e Superiores de Institutos Religiosos, Federações de

Vida Consagrada e movimentos internacionais de leigos. A Secretaria-Geral do Sínodo redigirá um primeiro instrumento de trabalho antes de setembro de 2022. Em seguida, haverá a fase continental do Sínodo (setembro de 2022-março de 2023); nomeando as Conferências Episcopais um responsável. Estas assembleias continentais elaboram um documento final, até março de 2023.

Em simultâneo com as reuniões continentais, haverá assembleias internacionais de especialistas. Após a recolha destes contributos, será elaborado um segundo documento de trabalho, até junho de 2023, decorrendo a reunião final do Sínodo dos Bispos em Roma no mês de outubro seguinte. O Sínodo será, assim uma assembleia de representantes dos episcopados católicos de todo o mundo, a que se juntam peritos e outros convidados, com a tarefa ajudar o Papa no governo da Igreja. A irmã Nathalie Becquart é a primeira mulher a desempenhar um cargo de responsabilidade no Sínodo. Trata-se de um importante sinal, que constitui um passo que o Papa Francisco pretende que constitua um caminho no sentido da compreensão de um entendimento cada vez mais amplo e integrador do Povo de Deus, como se encontra plasmado na Constituição “Lumen Gentium” do Vaticano II.

Esta leitura corresponde à exigência de interdependência e reciprocidade, já que a missão da Igreja não pode estar reservada a alguns,

que são ordenados ou religiosos. O Papa propõe, assim, uma Igreja mais sinodal e menos clerical, mais à imagem das comunidades dos primeiros séculos – ou seja, “uma Igreja onde todos são atores e caminham em conjunto”, como afirmou a irmã Nathalie Becquart. A sinodalidade tem uma dimensão “constitutiva” na Igreja, que é preciso experimentar, para gerar comunidades missionárias e ao serviço do bem comum. O método sinodal é, deste modo, sempre missionário, sempre orientado para o serviço de todos, para o diálogo com o mundo, bem como para o desafio do diálogo inter-religioso, do diálogo ecuménico, com o mundo político, social e económico. Contudo, segundo a irmã Becquart, esta mudança implica um processo “espiritual de conversão”, para vincar a dimensão “comunitária” na vida em Igreja.





## Meditação - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

No dia de oração pela santificação dos sacerdotes, o padre Alexandre Palma, professor da Universidade Católica e membro da equipa formadora do Seminário dos Olivais, fez uma meditação, via Zoom, ao presbitério do Patriarcado de Lisboa, que está disponível no site [www.patriarcado-lisboa.pt](http://www.patriarcado-lisboa.pt)



## Comunidade Vida e Paz

### Situação de sem-abrigo Nova resposta de apoio à população

A Comunidade Vida e Paz, em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, vai inaugurar uma nova resposta de apoio à população em situação de sem-abrigo, designada 'Unidade Integrativa para Pessoas em Situação de Sem-abrigo' (UIPSSA). "Trata-se de um programa que se desenvolve em regime residencial, com capacidade para acolher 40 pessoas em simultâneo, que tem em vista o desenvolvimento de autonomia e competências sociais, perdidas ao longo do tempo passado na rua. Com a definição de um plano de desenvolvimento individual, os utentes terão acompanhamento social personalizado por parte dos técnicos sociais da Comunidade Vida e Paz", informa a instituição tutelada pelo Patriarcado de Lisboa, apelando à "solidariedade de todos por meio de donativos em espécie ou monetários".



### Cáritas de Lisboa PIREC Diocesano em andamento

A Cáritas Diocesana de Lisboa informou os párocos sobre o estado do Plano Institucional de Resposta a Emergências e Catástrofes (PIREC) e apelou à colaboração. "Foi solicitado a cada Vigararia a indicação de voluntários que integrassem a estrutura do próprio plano, nomeadamente os Coordenadores Vicariais de Emergências e os Coordenadores Paroquiais de Emergências para que pudessem ajudar na elaboração do PIREC Diocesano, no levantamento dos recursos mobilizáveis e na sua operacionalização. Até ao momento, apenas 6 Vigararias ainda não responderam (na totalidade ou em parte) às nossas solicitações. A indicação dos Coordenadores Paroquiais de Emergências ainda não está concluída, o que exigirá uma melhor atenção de todos no futuro próximo", refere uma carta do presidente da instituição, Luís Macieira Fragoso.

### Solenidade de Santo António de Lisboa

## "Santo António era extremamente sal, onde chegava, conservava"

O Cardeal-Patriarca de Lisboa convidou a seguir o exemplo de Santo António e ser, como ele, "sal da terra e luz do mundo". D. Manuel Clemente presidiu à Solenidade de Santo António.

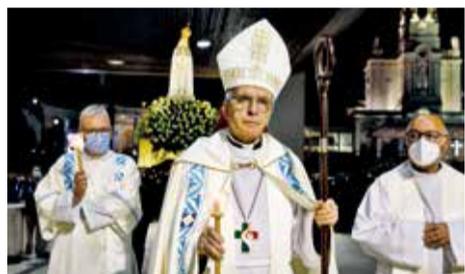


Na Igreja de Santo António de Lisboa, na manhã de 13 de junho, o Cardeal-Patriarca lembrou a vida do santo português, mas um "santo do mundo". "Santo António era extremamente sal, onde chegava, conservava e não deixava que as coisas se estragassem. E isto é um dever de todos nós. Onde há alguém que viva no espírito de António e que viva o Evangelho como ele viveu, as coisas não se estragam. Porque realmente, face a qualquer situação, só temos uma opção: ou estamos do lado do problema ou estamos do lado da solução. E ser sal da Terra é estar sempre do lado da solução", apontou, destacando que Santo António era também "luz do mundo".

Nesta celebração, transmitida pela RTP, D. Manuel Clemente destacou ainda a "irradiação universal" do santo português, um homem "realmente marcante", que está "no coração dos lisboetas". "Há, nesta nossa cidade de Lisboa – e isso têm-se manifestado

durante a pandemia – gente de boa vontade, de grande abnegação, de grande cuidado pelos outros. São também a figuração viva do Evangelho porque o Espírito de Jesus Cristo trabalha onde quer, dentro e fora das fronteiras da Igreja. E há tanta santidade, tanto Evangelho praticado, tanta Luz de Cristo demonstrada", afirmou.

No final, à porta da Igreja de Santo António, o Cardeal-Patriarca benzeu a cidade de Lisboa com a relíquia do santo português. "Com ele, havemos de levar isto de vencida", declarou.



SANTUÁRIO DE FÁTIMA

### Fátima "Maria pede-nos hoje a mesma colaboração"

O Núncio Apostólico em Portugal presidiu, em Fátima, às celebrações de junho das aparições e sublinhou o papel de Nossa Senhora como colaboradora do plano de salvação de Deus. "As aparições que a Virgem Maria realizou aqui em Fátima há 104 anos fazem parte desta missão que está a realizar, pedindo também a nossa colaboração. Como pediu aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, que colaborassem para a salvação das almas, sobretudo para a conversão dos pecadores, assim também hoje nos pede a mesma colaboração", afirmou D. Ivo Scapolo, na Missa de 13 de junho. Na véspera, tinha convidado os peregrinos a consagrarem-se ao Imaculado Coração de Maria.



### Legalização da canábis "Não há drogas boas e drogas más"

A Associação dos Médicos Católicos Portugueses (AMCP) e a Associação dos Juristas Católicos (AJC) manifestaram "conjuntamente" a sua "oposição à legalização da venda de canábis para fins recreativos". "Não há drogas boas e drogas más. É importante contrariar a ideia errada de que o consumo das drogas ditas *leves*, não causa dano para a saúde. A canábis é uma substância aditiva com efeitos deletérios que podem ser dramáticos, principalmente junto dos mais jovens", alertam estas associações profissionais, sublinhando que "cada vez se conhecem melhor os malefícios pessoais e sociais decorrentes do consumo de canábis", com "consequências nefastas para a saúde psíquica".



### Exposição fotográfica Igreja do Castelo acolhe 'Entre Muralhas'

A Igreja de Santa Cruz do Castelo, em Lisboa, acolhe, desde 15 de junho, a exposição fotográfica 'Entre Muralhas', dedicada ao Bairro do Castelo. A mostra é organizada pela paróquia e pelo projeto 'Torre da Igreja do Castelo de S. Jorge', responsáveis pela recuperação e reabertura da Igreja de Santa Cruz e da sua torre sineira ao público, e expõe fotografias da autoria de Ana Fernandes, que "procura dar foco e atenção aos detalhes e peculiaridades" deste bairro lisboeta, segundo informa uma nota. A exposição fotográfica 'Entre Muralhas' pode ser visitada até dia 30 de setembro. Informações: [www.facebook.com/TorredaIgrejadoCastelo](http://www.facebook.com/TorredaIgrejadoCastelo)



### Penha de França Ajudar a restaurar a fachada principal

Após as obras na fachada norte do templo, a paróquia da Penha de França apelou agora à ajuda para restaurar a fachada principal da Igreja de Nossa Senhora da Penha de França. "A fachada principal da nossa igreja precisa de ser restaurada. Precisamos da sua contribuição monetária para realizar esta obra. Contamos consigo. Toda a ajuda, faz a diferença!", frisa esta paróquia da cidade de Lisboa, convidando a donativos para o IBAN: PT5000180000069181100142. Há um ano, o Cardeal-Patriarca, D. Manuel Clemente, esteve nesta igreja e pediu a Nossa Senhora da Penha de França, protetora da cidade, para livrar o mundo da pandemia. Info: [paroquianspenhafranca@gmail.com](mailto:paroquianspenhafranca@gmail.com)

50 anos da dedicação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa

## UMA “FONTE ABERTA NO CORAÇÃO DA CIDADE”

Na celebração que assinalou os 50 anos da dedicação da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa, o Cardeal-Patriarca desafiou os fiéis a serem “o coração de Jesus na cidade”. Ao Jornal VOZ DA VERDADE, o pároco, cônego Antônio Janela, apresenta o retrato de uma paróquia que foi “profeticamente projetada” para funcionar como uma “paróquia urbana” e assinala a “disponibilidade” daqueles espaços para receberem iniciativas da Jornada Mundial da Juventude.

texto e fotos por Filipe Teixeira



É um símbolo da arquitetura religiosa moderna, mas a importância da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, perto da Praça do Marquês de Pombal, em Lisboa, vai muito para além do betão. No encerramento das comemorações dos 50 anos da dedicação deste templo (1970-2020), o Cardeal-Patriarca falou desta igreja como uma “fonte aberta no coração da cidade” e “um polo vivo de presença e manifestação de Deus neste mundo”. Agora, numa zona marcadamente de serviços, o templo continua a ser procurado por alguns fiéis que por ali passam e que, “a pé, de carro, de metro ou de outros transportes

públicos, vão para as suas vidas, para os seus trabalhos e para os seus descansos” com “o que recebem” ali, daquela “fonte”, apontou D. Manuel Clemente.

“Além da belíssima arquitetura, esta igreja também oferece a devoção particularíssima ao Sagrado Coração de Jesus”, lembrou o Cardeal-Patriarca, na Missa no dia 11 de junho – precisamente, Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, “a maior que podemos celebrar: o coração de Deus que, em Cristo, se oferece ao mundo”. “Deus é sensível ao que se passa neste mundo. O coração de Deus pulsa e, por isso, nós acordamos cada dia por-

que Ele é constante fonte de vida. Mas o coração de Deus sofre, no sofrimento de todos os seres humanos, no sofrimento da própria natureza, porque nós a estragamos muito. Ele é a constante fonte, da qual tudo brota e nada contraria mais esta fonte de vida do que a morte. Deus está aqui e o coração de Deus pulsa aqui”, garantiu D. Manuel Clemente.

### A mesma fonte

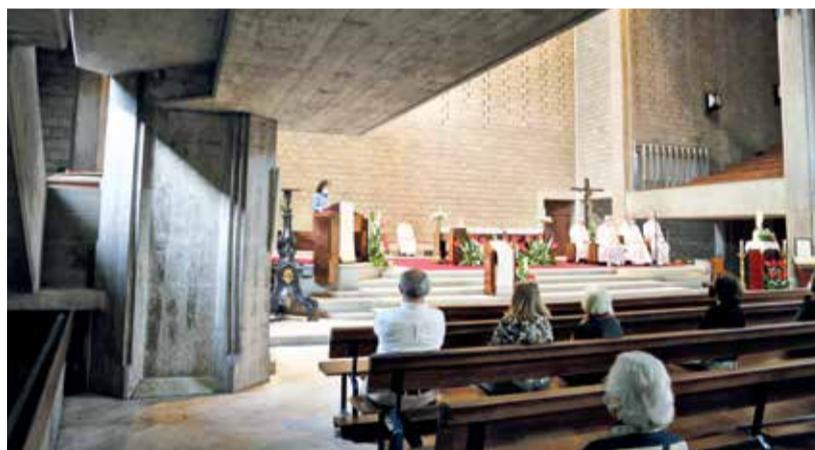
Às largas dezenas de fiéis que estiveram presentes nesta celebração – e, alguns deles, também estiveram presentes no dia da dedicação daquela igreja –, o Cardeal-

-Patriarca deixou um desafio: “Ser o coração de Jesus na cidade”. “O coração de Deus ganha forma, figura, palavra, gesto no coração de Jesus, que, agora, está presente no mundo, através de quantos O recebem”, prosseguiu.

Perante a diminuição, cada vez mais acentuada, do número de residentes nestas paróquias do centro da cidade de Lisboa – e intensificada, no último ano, devido à pandemia –, D. Manuel Clemente animou os presentes pedindo-lhes para não se fixarem nos números. “Não vos preocupeis muito com números, porque isto não é de quantidades, mas de qualidades”, sublinhou. “Quem estava junto a Jesus quando, do seu coração trespassado, brotou sangue e água? Eles eram tão poucos! O Evangelho diz que estava lá a sua mãe, uma tia de Jesus, uma Maria, mulher de Cléofas – que também era da parentela de Jesus, mais uma, mais outra, mais um discípulo que os representava a todos... e estais aqui muitos mais! E a fonte é a mesma!”, reforçou o Cardeal-Patriarca de Lisboa que, no final da celebração, conduziu a oração de consagração ao Sagrado Coração de Jesus.

### Pastoral urbana

Se em 1970, quando a Igreja do Sagrado Coração de Jesus foi dedicada, a freguesia registava cerca de 20 mil residentes, os Censos de 2011 mostraram um número próximo de 4 mil (e ainda estão por apurar os resultados dos Censos deste ano). O ‘retrato’ é, por isso, muito diferente de há 50 anos, mas, para o atual pároco, cônego Antônio Janela, esta é a ocasião para esta paróquia no coração da cidade se distanciar do modelo implementado de “paróquia rural”, para se apresentar como “paróquia urbana”, já “profeticamente projetada”, e “inserida no contexto urbano – uma Igreja na cidade – e não no bairro ou na aldeia”. “Estes complexos eclesiais ou respondem aos desafios



de uma pastoral urbana ou estão na Idade Média. O modelo rural teve o seu tempo. Nós mantemos, em termos paroquiais, um mapa de paróquias rurais, paróquias onde se acentua muito a dimensão residencial. E, hoje, a característica do mundo urbano é o pluralismo, a mobilidade acentuada”, aponta este sacerdote, que compara o atual “modelo de paróquia rural” a uma “estação de serviço”. “O problema é que os carros já não andam a gasolina, mas a eletricidade e hidrogénio”, refere.



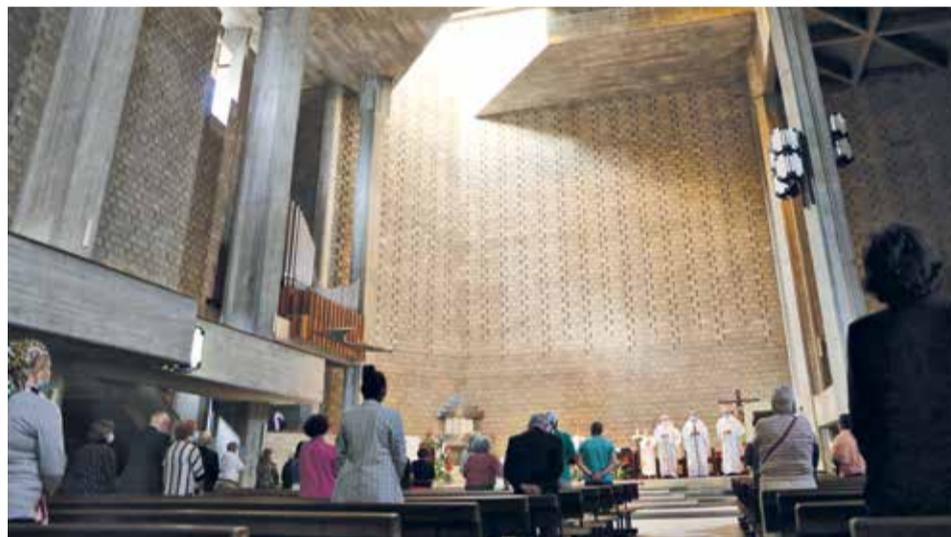
O cónego António Janela é pároco do Sagrado Coração de Jesus desde 2010



## Para além dos números

Com “cada vez menos residentes e cada vez mais envelhecidos”, o número de crianças na catequese, o número de batizados e de casamentos são fáceis de contar e, apesar de várias experiências, as realidades pastorais que se constroem vão-se “diluindo”, lamenta o cónego Janela, que não deixa de sublinhar as “condições invejáveis” do complexo paroquial, apesar de necessitar de algumas obras de conservação: a igreja tem capacidade para 3250 pessoas, um auditório com 700 lugares, uma sala de conferências, um restaurante e, até, um ginásio, entre outros espaços. Durante os últimos anos, este complexo albergou o Instituto Diocesano da Formação Cristã (IDFC) do Patriarcado de Lisboa, a Pastoral Universitária, o Gabinete de Escuta e outros serviços. Até ao início da pandemia, a Missa de sábado (vespertina) e as duas de Domingo contabilizavam 150 pessoas e, durante a semana, a celebração das 12h35 recebia muitos dos trabalhadores das empresas vizinhas.

Apesar de os números projetarem uma realidade pastoral desta paróquia da cidade, o cónego António Janela vê para além dos números e sugere a utilização dos espaços do complexo paroquial como um “grande centro cultural da diocese na cidade de Lisboa” e a integração “numa unidade pastoral” composta pelas três paróquias que constituem a freguesia de Santo António (São José, Sagrado Coração de Jesus e São Mamede), juntamente com a paróquia da Pena, pertencente à freguesia de Arroios. “Isto permitiria



“A Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa foi dedicada a 19 de junho de 1970, concluindo-se então, de forma notável, um processo iniciado em 1962 com o concurso público que atribuiu o primeiro lugar ao projeto dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) e Nuno Portas (1934). Igreja cosmopolita, foi inovadora na sua inserção urbana, mas também na experimentação e uso do betão, incorporando o conhecimento técnico e as influências artísticas da época no panorama arquitetónico dos anos 1960. O espaço da Igreja e do Centro Paroquial conjuga urbanidade e interioridade, síntese de uma vontade de abrir o seu espaço central à cidade, à comunidade e à participação religiosa, no espírito do Concílio Vaticano II. Com este livro assinala-se a comemoração dos 50 anos desta obra singular da arquitetura portuguesa do século XX, justamente reconhecida com o Prémio Valmor em 1975 e como Monumento Nacional em 2010.”

**Contracapa do livro ‘Igreja do Sagrado Coração de Jesus - Lisboa’**

uma sinergia, não só humana, mas de recursos materiais”, defende.

## O desafio é a preparação

No imediato, pela “localização, disponibilidade e infraestruturas”, a paróquia do Sagrado Coração de Jesus quer apoiar a realização da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, revela o pároco. Aliás, para este sacerdote com 80 anos de “juventude acumulada” – tal como referiu o Cardeal-Patriarca, no final da celebração dos 50 anos da dedicação da igreja –, este é “um momento muito desafiante,

não só para a Igreja de Lisboa, mas nacional, porque é o desenvolver da pastoral juvenil, não só localmente, mas com uma articulação nacional”. “Neste setor, vejo com muito interesse que, de facto, começa a haver uma articulação entre as diferentes instâncias diocesanas que a preparam – e preparar a festa, já é viver a festa – e a estruturam numa pastoral juvenil de resposta oportuna e atual. Isso, já é um grande ganho!”, considera.

Para o cónego Janela, este dinamismo juvenil é um “desafio” que se “traduz em haver uma presença através do dinamis-



mo dos movimentos”. “Os jovens são os mobilizadores. Este dinamismo da pastoral juvenil tem que ser a mobilização daqueles que já estão em assembleia, que já se sentem Igreja. E nós temos que apoiar isso, no sentido de uma formação integral. O dinamismo está nos movimentos! Onde é que vemos os líderes juvenis?”, questiona o sacerdote, deixando a certeza de que o que vai ficar do encontro internacional que Lisboa vai receber, em 2023, é “a preparação que tiver sido feita”. “Esse, é o desafio das paróquias”, garante.

## LIVRO DESTACA “OBRA SINGULAR” DA ARQUITETURA PORTUGUESA DO SÉCULO XX

“É uma belíssima monografia que integra todos os aspetos, desde o concurso até à dedicação da igreja”, começa por classificar o pároco, cónego António Janela, que é também o autor do prefácio do livro que assinala os 50 anos da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. A obra foi apresentada esta quinta-feira, 17 de junho, e expõe o processo de edificação da igreja e do complexo paroquial, iniciado em 1962, “com o concurso público que atribuiu o primeiro lugar ao projeto dos arquitetos Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas”. Esta “igreja cosmopolita foi inovadora na sua inserção urbana, mas também na experimentação e uso do betão, incorporando o conhecimento técnico e as influências artísticas da época no panorama arquitetónico dos anos 1960”, lê-se, na nota de apresentação do livro. “O espaço da igreja e do centro paroquial conjuga urbanidade e interioridade, síntese de uma vontade de abrir o seu espaço central à cidade, à comunidade e à participação religiosa, no espírito do Concílio Vaticano II”, prossegue a nota.



## Testemunho

# Viver o anonimado como José

O meu nome é Diana Silva, tenho 23 anos, sou licenciada em Solicitadoria e trabalho como técnica auxiliar de serviço social num abrigo temporário para mulheres sem abrigo, uma resposta da Câmara Municipal de Lisboa em parceria com a AMI à emergência social COVID-19.

Porquê trabalhar numa área que não é a minha? Antes de mais, concluí a minha licenciatura em 2020, já em tempos de pandemia o que, fez com que se fechasse uma porta (dificultou a entrada na Ordem dos Solicitadores e Agentes de Execução) e, ao mesmo tempo, gerou esta oportunidade de explorar e trabalhar numa área que também gosto (a área social).

Desde cedo que, sendo jovem cristã, quis ser ativa na sociedade e fiz voluntariado com pessoas com diversas faixas etárias

e diferentes condições de vida, o que me tornou apaixonada pelo Evangelho vivido perto dos outros.

Uma das passagens que sempre me inspirou e causou alguma indignação, talvez por não compreender na totalidade, foi o da perda e encontro do menino Jesus no templo, afinal, “Maria guardava todas estas coisas no seu coração”, mas e José? Não tem palavra? Como reagiu? Parece que, também ele toma parte no silêncio de Maria e, mais que isso, vive, de certa forma, o anonimato o seu coração é puro!

Trabalhar neste abrigo, por vezes, é também viver esse silêncio e viver o anonimato, no sentido de não procurar reconhecimento, até porque muitas vezes, não nos é dado.

Nem sempre é simples encontrar Jesus no templo que estas senhoras são, por vezes

é preciso perceber onde Se perdeu, porque é que não age como esperado, porque Se revolta conosco e, mais do que isso, qual é a necessidade d’Ele, uma vez que, tantas vezes é expressa de forma bastante diferente do que seria expectável.

Pessoalmente, gosto muito de cada uma das utentes o que não invalida que, por vezes, seja difícil lidar com uma crise, gerir os conflitos existentes quer entre utente-utente, quer entre utente-técnico. Mas a verdade é que é importante o tu-a-tu, todas elas são mulheres com histórias únicas e que, como todos nós, querem ser apreciadas, valorizadas e amadas. É essencial a compreensão, a permanência e a estabilidade, é essencial criar laços fortes, estando igualmente prontos para acolher o lado menos positivo que isso poderá ter; é, também, importante não procurar nenhum tipo de

reconhecimento e ser bastante assertivo: saber quando viver o silêncio e guardar no coração, e, ao mesmo tempo, saber quando dizer “eles não têm mais vinho” (Maria, nas bodas de Caná) e incentivá-las a ver além do que se sentem capazes de ser, fazer, ou até responder.

Uma das coisas mais importantes e bonitas deste trabalho é saber que podemos ser família, ser estrutura, saber que apesar dos dias mais chuvosos, podemos sempre ser sol para alguém.

Ainda não sei se vivo de forma acertada todos os dias esta procura e este encontro de Jesus no templo, mas gosto sempre de me lembrar da imagem de uma Mãe e de um Pai que acolhem o filho após ter feito algo que, muito provavelmente, abriu uma ferida nos seus corações.

texto por Diana Silva



EM LISBOA  
**DIA 23**  
JUNHO



**LATE NIGHT 23**

## DIA 23... EM JUNHO

No caminho de preparação para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023, o DIA 23 deste mês tem lugar esta quarta-feira, numa transmissão online às 21h30, a partir do salão da paróquia de Nossa Senhora do Amparo de Benfica. ‘Late Night 23’ é o tema desta iniciativa organizada pelo COD Lisboa (Comitê Organizador Diocesano) e pelo Serviço da Juventude de Lisboa, que tem transmissão direta nos locais habituais (Facebook do Serviço ou Facebook e YouTube do Patriarcado de Lisboa). Junta-te a nós! Apressadamente, como Nossa Senhora.

Informações: [www.facebook.com/juventudelisboa](https://www.facebook.com/juventudelisboa)

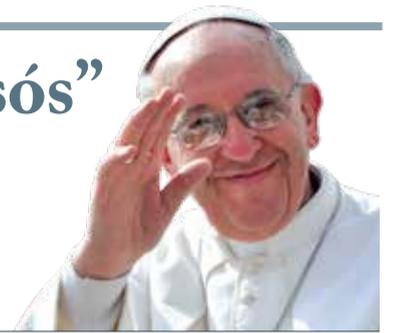


com **Aura Miguel**  
Jornalista da Rádio Renascença,  
à conversa com Diogo Paiva Brandão

# Roma /09

## “Até nos momentos mais dolorosos, nunca estamos sós”

O Papa Francisco encerrou a série de catequeses dedicada à oração. Na semana em que sublinhou que o mundo anda “a consumir e a destruir sem vergonha o que pertence a todos”, o Papa publicou a Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres, considerou “uma tragédia” haver “150 milhões de crianças exploradas pelo trabalho” e desejou maior rotatividade no governo das associações de fiéis.



**1.** O Papa Francisco encerrou a série de catequeses dedicada à oração e à necessidade de cultivar a espiritualidade. O Santo Padre sublinhou que “uma das características mais evidentes da vida de Jesus é a oração e que esta se tornou ainda mais frequente e intensa nas horas da sua paixão e morte”. Na audiência-geral de quarta-feira, 16 de junho, no Pátio São Dâmaso, no Vaticano, Francisco explicou que a dimensão filial de Jesus para com Deus, apesar do grande sofrimento daquelas horas, se manifesta “de modo muito humano, desafogando na presença do Pai a angústia do seu coração com a palavra aramaica *Abbá*, repleta da ternura e confiança de uma criança no seu papá”. Para penetrar no mistério da oração, o Papa diz que “vale a pena deter-nos na chamada «Oração Sacerdotal» de Jesus no Cenáculo de Jerusalém”, porque nela está tudo concentrado: “Deus e o mundo, o Verbo e a carne, a vida eterna e o tempo, o amor que se entrega e o pecado que o atraiçoa, os discípulos presentes e os que não de crer em Jesus pela palavra deles”. Desde 2020, Francisco dedicou 38 catequeses semanais à oração. “O dado mais belo que podemos guardar destas catequeses, é que não só rezamos com Jesus, mas fomos acolhidos no seu diálogo com o Pai, na comunhão com o Espírito Santo” e amados de tal modo em Cristo que, “mesmo na hora da sua paixão, morte e ressurreição, tudo foi oferecido por nós”. Por isso, “até no mais doloroso dos nossos sofrimentos, nunca estamos sós”.

**2.** O Papa associou-se, com uma mensagem vídeo, à 16.ª edição do GLOBSEC Bratislava Forum, dedicado ao tema ‘Re-

build the World Back Better’. Francisco agradeceu os trabalhos desta plataforma, “tão importante para a reconstrução do mundo depois da pandemia, que obriga ao confronto com uma série de questões socioeconómicas, ecológicas e políticas graves e todas relacionadas entre si”. Neste contexto, usou o método do “ver, julgar e agir” para deixar algumas sugestões. Para reconhecer os erros do passado, de modo sério e honesto, é necessário “corrigir o que já não funcionava antes de aparecer o coronavírus que contribuiu para agravar a crise”, diz o Papa: “Quem quer levantar-se de uma queda, deve confrontar-se com as circunstâncias da própria queda e reconhecer os elementos de responsabilidade”. Francisco também não gosta do que vê a nível ecológico, pois “habitámos-nos a consumir e a destruir sem vergonha o que pertence a todos, pondo em causa os pobres e o futuro das novas gerações”. Para ajuizar o que se passa, o Papa reafirma algumas das suas preocupações: “Uma crise obriga a escolher, para o bem ou para o mal. De uma crise, como já repeti, não se sai igual: ou se sai melhor ou se sai pior. Mas nunca igual”. Por isso, Francisco acrescenta: “Julgar o que vimos e experimentamos incentiva-nos a melhorar”. Para não desperdiçar esta oportunidade oferecida pela crise, é urgente “agir com uma visão global e de esperança”. O Papa deixa um apelo à conversão, “sobretudo nas decisões que convertem a morte em vida, as armas em comida”. Esta conversão também não poderá esquecer “a perspetiva de uma criação entendida como casa comum, que requer ações urgentes para a proteger”.

**3.** O Papa publicou a Mensagem para o V Dia Mundial dos Pobres, onde alerta para consequências da pandemia, pede nova abordagem na luta contra a pobreza e reforça as críticas ao sistema financeiro. Na mensagem, publicada em várias línguas, pode ler-se que “os pobres não são pessoas «externas» à comunidade, mas irmãos e irmãs cujo sofrimento se partilha, para abrandar o seu mal e a marginalização, a fim de lhes ser devolvida a dignidade perdida e garantida a necessária inclusão social”. Francisco distingue entre “um gesto de beneficência, que pressupõe um benfeitor e um beneficiado” e a partilha que gera fraternidade. “A esmola é ocasional, ao passo que a partilha é duradoura. A primeira corre o risco de gratificar quem a dá e humilhar quem a recebe, enquanto a segunda reforça a solidariedade e cria as premissas necessárias para se alcançar a justiça”, referiu. O texto valoriza “muitos exemplos de Santos e Santas que fizeram da partilha com os pobres o seu projeto de vida” e aponta como modelo dos nossos tempos o padre Damião de Veuster, apóstolo dos leprosos. Este santo belga foi viver com os leprosos para a ilha de Molokai, “fez-se médico e enfermeiro, sem se preocupar com os riscos que corria, levando a luz do amor àquela «colónia de morte», como era designada a ilha” e acabou por morrer contagiado com lepra. “O seu testemunho é muito atual nestes nossos dias, marcados pela pandemia de coronavírus”, acrescenta o Papa, certo de que “a graça de Deus continua em ação no coração de muitas pessoas que, sem dar nas vistas, se gastam concretamente partilhando a sorte dos mais pobres”.

**4.** O Papa Francisco considera o trabalho infantil como “uma escravidão dos nossos tempos” que é urgente eliminar. No final do Angelus de Domingo, 13 de junho, Francisco referiu, a propósito do Dia Mundial contra o Trabalho Infantil que “não é possível fechar os olhos à exploração das crianças, privadas do direito de brincar, de estudar e de sonhar”. O Papa citou as estimativas da Organização Internacional do Trabalho que referem haver mais de 150 milhões de crianças exploradas. “É uma tragédia, é mais ou menos como todos os habitantes de Espanha, da França e de Itália juntos. Isto acontece hoje!”, lamentou. Francisco também se mostrou preocupado com a fome na região do Tigrá, na Etiópia, atingida por “uma grave crise humanitária, que expõe os mais pobres à fome”, e pediu orações.

**5.** Para evitar personalismos e abusos, o Papa aprovou um decreto que regulamenta a duração e o número de mandatos de governo nas associações internacionais de fiéis. O documento, promulgado a 11 de junho, é vinculativo para todas as associações de fiéis e tem como objetivo “promover uma rotação saudável” nos cargos de governo, para que a autoridade seja exercida “como um autêntico serviço que se articula em comunhão eclesial”. O decreto estabelece que, a partir de agora, “os mandatos no órgão central de governo a nível internacional, podem ter a duração máxima de cinco anos” e que a mesma pessoa pode cumprir um cargo nesse órgão “por um período máximo de dez anos”.

Camarões: Irmã Franciscana faz relato dramático e pede ajuda

## “Fomos atacadas...”

É uma carta que diz muito sobre o dia-a-dia nos Camarões, um país africano que enfrenta não só um movimento independentista como também os ataques terroristas do Boko Haram. É uma carta que diz muito, também, da coragem da Igreja, dos padres, das irmãs que estão ao lado dos que sofrem, das vítimas da violência. O que a Irmã Hedwig Vynio descreve parece retirado de um filme de terror. Infelizmente é apenas a verdade.



“As nossas irmãs também foram raptadas e levadas. Fomos atacadas em várias comunidades. Os nossos hospitais foram atacados pelas forças militares do Governo e também por terroristas...” O relato é relativamente curto. São palavras que foram escritas provavelmente com esforço, talvez mesmo com sofrimento. A Irmã Hedwig Vynio pede ajuda à Fundação AIS para a situação terrível que se vive nos Camarões, onde coexiste uma profunda crise política com um movimento que procura a independência da região onde predomina a língua inglesa, e, em simultâneo, com uma violência crescente de grupos jihadistas, nomeadamente o Boko Haram, que estando centrados na Nigéria lançam ataques também neste país. A Irmã Vynio fala numa crise de consequências “insuportáveis”. E descreve em dois parágrafos toda a tragédia de um povo, toda a miséria de uma nação. “Hoje, temos quase um milhão de deslocados internos.” Nem as irmãs escaparam. A Igreja tem uma presença assinalável nos Camarões, como em muitos países africanos, ao

nível dos cuidados de saúde, mas também na educação, na promoção social. Sinal do caos que se vive neste país, relata a irmã, nem os hospitais da Igreja foram poupados. “O médico, as irmãs e as enfermeiras, todos foram espancados e forçados a percorrer longas distâncias para chegar ao convento. No momento, não só as pessoas estão gravemente traumatizadas, mas também as irmãs.”

### O rapto do Cardeal Tumi

As regiões noroeste e sudoeste dos Camarões são as mais afectadas pela violência. Nos últimos quatro anos sucedem-se os ataques, os raptos, os assaltos, a destruição. Diz a irmã que “desde há quatro anos, homens, mulheres e crianças dessas regiões vivem em constante medo.” O medo levou à fuga das populações. As escolas estão encerradas, as portas das casas estão fechadas. As pessoas estão encurraladas no próprio medo. A pobreza que já caracterizava a região agravou-se. Os pobres tornaram-se praticamente indi-

gentes. Ninguém imagina como seria a vida destas pessoas sem a presença da Igreja. Relata a irmã, que “mais de 80% das pessoas vivem em condições muito terríveis, com pouco ou nenhum acesso a água potável, alimentos ou medicamentos”. As pessoas estão como que encurraladas entre focos de violência. Os independentistas têm vindo a recorrer a todos os meios para forçarem à secessão do território da região anglófona. Ainda em Novembro do ano passado, homens armados raptaram o Cardeal Christian Tumi, de 90 anos. Seria libertado horas depois, mas para muitos ficou o aviso. Ninguém está a salvo nos Camarões.

### Ataques indiscriminados

A violência independentista tem crescido desde 2016. Os números são incertos, mas calcula-se que mais de 3 mil pessoas tenham sido mortas e mais de meio milhão vive fora das suas casas, das suas aldeias, das suas comunidades. São deslocados internos. Para

as autoridades a única estratégia que parece válida é a da repressão violenta. O massacre em Ngarbuh, no dia 14 de Fevereiro do ano passado, em que 21 pessoas foram mortas, incluindo 13 crianças e uma mulher grávida, não escapa ao relato da irmã. As autoridades procuraram esconder o incidente, mas a notícia galgou fronteiras. Diz a religiosa, que pertence às Irmãs Terciárias de São Francisco, que esse foi apenas um dos ataques. Houve mais, houve vários. Por exemplo, no dia “24 de Outubro de 2020, em Kumba, na região sudoeste, homens armados não identificados invadiram uma escola e abriram fogo contra crianças, matando 12 e ferindo outras pessoas. Soma-se a isso, a taxa de raptos para resgates, a brutalidade policial e a tortura...” Tudo tem vindo a crescer de dia para dia, tornando a vida insuportável. Muitos dos que fugiram destes ataques perderam as suas casas, que foram, entretanto, incendiadas. O número de órfãos e de crianças em situação de grande vulnerabilidade é já motivo de preocupação e não é incomum, descreve a Irmã Hedwig Vynio, ver “muitos desses menores desacompanhados a circular pelas ruas e pelas matas, desesperados...” A Igreja não tem mãos a medir perante tantas situações dramáticas, sendo, cada vez mais, o único refúgio para quem perdeu tudo e se sente abandonado. A Irmã Hedwig Vynio escreveu uma carta à Fundação AIS a pedir ajuda. É uma carta que diz muito, também, da coragem dos padres, das irmãs, de todos os que estão ao lado das vítimas da violência nos Camarões. O que esta religiosa descreve parece retirado de um filme de terror. Infelizmente é apenas a verdade. Ela precisa de nós, da nossa ajuda. Não a podemos desiludir.

texto por Paulo Aido,  
Fundação Ajuda à Igreja que Sofre



A Igreja está ao lado das vítimas que mais sofrem por causa da violência nos Camarões.



A Irmã Hedwig Vynio pede a nossa ajuda.

[www.fundacao-ais.pt](http://www.fundacao-ais.pt) | 217 544 000



## SUGESTÃO CULTURAL

### A experiência do limite humano

O livro 'A experiência do limite humano – Testemunho pessoal em tempo de Covid', do padre Miguel Cabral, conta a história do sofrimento na doença e da recuperação do novo coronavírus. "Já praticamente recuperado das consequências duma pneumonia grave por Covid, vou fazer o exercício de passar para escrito aquilo que mais me tocou. É, portanto, à luz de uma experiência pessoal intensa de doença que procurei vivenciar na fé que me proponho fazer um aprofundamento mais teórico de algumas dimensões da doença e do final da vida. Destacarei as três dimensões que mais me marcaram: a experiência da vulnerabilidade, a importância dos outros e a perspectiva iluminadora da fé no sofrimento", refere o autor, na obra publicada pela Lucerna.

Informações: [www.lucernaonline.pt](http://www.lucernaonline.pt)



## À PROCURA DA PALAVRA

DOMINGO XII COMUM ANO B

*"Jesus, à popa, dormia com a cabeça numa almofada."*

Mc 4, 38



pele P. Vítor Gonçalves

### Jesus dormia

São poucas as referências evangélicas ao sono de Jesus. Não conhecemos o dito popular que *"Deus não dorme?"* Claro que o seu sentido tem mais a ver com a justiça que pode demorar, mas há-de acontecer. O contraste de Jesus a dormir, serenamente na barca, com a violência da tempestade e a aflição dos discípulos não podia ser maior. Como se não contassem a agitação e o medo mas, simplesmente, aquele sono tranquilo. À popa, no lugar de comando do barco, não estará Ele a convidar-nos a não nos deixarmos dominar pelo medo? O seu sono não será antecipação da morte de onde acordará e nos acordou para a vida renovada e eterna?

Fazem parte da vida as dificuldades e as tempestades, os imprevistos e a necessária aceitação do que é imperfeito e frágil. *"Passar à outra margem do lago"* é sempre uma empresa ousada. É o mandato de Jesus a *"ir por o mundo anunciar a Boa Nova"*, a rever as instalações que nos prendem e atrofiam, a confiar no amor que se

dá sem que haja retorno imediato. E é aí que sentimos como Deus parece dormir, e a barca da vida, dos que amamos, do que sonhamos e projetamos lembra a barca dos discípulos. Aquela distância em que Deus parece deixar tudo nas nossas mãos e elas são tão pequenas e fracas, dói e faz-nos gritar. Precisamos acreditar que Ele tem a última palavra e domina o mar e a morte.

Um ano após vermos o Papa Francisco a atravessar a escura e deserta Praça de S. Pedro, quando o acompanhámos numa imensa oração pela pandemia, ele ofereceu-nos um livro de orações com a frase de Jesus aos discípulos: *"Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?"* E depois de ver o intenso filme *"The Father"*, admiravelmente escrito e realizado por Florian Zeller e interpretado por Anthony Hopkins, sobre a progressão da demência na vida de um homem e na tempestade que isso provoca à volta, também a pergunta ecoou em mim. Os discípulos, admirados pelo

poder de Jesus, perguntam: *"Quem é este homem?"*; o "pai" do filme, pergunta, *"quem sou eu?"*. Com a dor e a beleza, o cuidado e a companhia, fui pensando em Jesus a dormir na barca de tantos que sofrem e tantos que cuidam realidades semelhantes. E dei com este texto de autor desconhecido: *"Não me peças que me lembre / Não tentes fazer-me compreender / Deixa-me descansar / Faz-me compreender que estás comigo / Abraça-me e pega-me na mão / Estou triste, doente e perdido / Tudo o que sei / é que preciso de ti / Não percas a paciência comigo / Não jures, não grites, não chores / Não posso fazer nada com o que me acontece / Ainda que tente ser diferente / Não consigo / Lembra—te que preciso de ti / Que o melhor de mim já passou / Não me abandones, fica ao meu lado / Ama-me, até ao fim da minha vida"*. Mesmo a dormir na barca, Jesus ensina-nos contar com Ele e com os outros para encontrar a paz em plena tempestade.

## DOMINGO XIII DO TEMPO COMUM – B (27 DE JUNHO)



DEPARTAMENTO DE LITURGIA DO PATRIARCATO DE LISBOA

| USO LITÚRGICO           | CÂNTICO  | COMPOSITOR   | FONTE               |
|-------------------------|--|--------------|---------------------|
| Entrada                 | <b>Louvai, louvai o Senhor</b>                 | F. Silva     | CEC II 60 / CN 593  |
| Entrada                 | <b>Louvai o Senhor, povos de toda a terra</b>  | A. Cartagena | CEC II 63 / CN 592  |
| Ofertório               | <b>Nosso Senhor J. Cristo destruiu a morte</b> | F. Santos    | LHC II 324          |
| Ofertório               | <b>Em Vós, Senhor, está a fonte da vida</b>    | Az. Oliveira | CN 401              |
| Comunhão                | <b>Eu vim para que tenham vida</b>             | F. Silva     | CEC II 131 / CN 462 |
| Comunhão / Pós Comunhão | <b>A minha alma louva o Senhor</b>             | F. Santos    | CEC II 67 / CN 147  |
| Pós Comunhão /Final     | <b>O Senhor salvou-me</b>                      | C. Silva     | CN 145              |
| Final                   | <b>Viva o Senhor!</b>                          | C. Silva     | OCoc 311            |

SIGLAS | CEC - Cânticos de Entrada e Comunhão, vol. I-II, Secretariado Nacional de Liturgia | CN - Cantoral Nacional para a Liturgia, Secretariado Nacional de Liturgia – Serviço Nacional | LHC II - Liturgia das Horas. Edição para Canto. Vol. II, Secretariado Nacional de Liturgia | OCoc - Carlos Silva, Orar Cantando. Obras Completas, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2014.



## Tweets da Semana

“Hoje é o Dia Mundial dos Doadores de Sangue. Agradeço de coração aos voluntários e encorajo-os a continuar a sua obra, testemunhando os valores da generosidade e da gratuidade.”

14 de junho

“A semente de nossas boas obras pode parecer pequena; no entanto, tudo o que é bom pertence a Deus e, portanto, humilde e lentamente dá frutos. O bem sempre cresce de forma humilde, oculta, muitas vezes invisível. #EvangelhoDeHoje”

13 de junho

“Convido cada um de vocês a olhar com confiança para o Sagrado Coração de Jesus e a repetir com frequência, sobretudo durante este mês de junho: Jesus, manso e humilde de coração, transformai os nossos corações e ensinai-nos a amar a Deus e ao próximo com generosidade.”

11 de junho

**Papa Francisco** @Pontifex\_pt

“#SantoAntônio era extremamente sal, onde chegava, conservava e não deixava que as coisas se estragassem. E isto é um dever de todos nós! Face a qualquer situação, ou estamos do lado do problema ou estamos do lado da solução. E ser sal da Terra é estar sempre do lado da solução.”

13 de junho

**D. Manuel Clemente** @patriarcalisboa



## Editorial

# DEVOLUÇÕES, NÃO SÃO PRECISAS

**P. Nuno Rosário Fernandes, diretor**  
p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt



Agora que começou a ler este texto, das três uma: ou vai acontecer, ou está a acontecer, ou já aconteceu a Assembleia de Avaliação da Receção do Sínodo do Patriarcado de Lisboa (18 e 19 de junho). Este é um acontecimento importante para a nossa diocese porque serve para perceber o caminho pastoral feito nestes últimos anos, desde a realização da assembleia sinodal em 2016, com o objetivo de alcançar ‘O sonho missionário de chegar a todos’. Após a realização do Sínodo, foi publicada a Constituição Sinodal de Lisboa, a partir da qual foram delineados três temas para orientar a pastoral ao longo de três anos que, devido à pandemia, acabaram por se tornar em quatro. A Palavra, a Liturgia e a Caridade, com o objetivo transversal, em todos os anos, de cuidar das relações fraternas, foram o mote para diversas dinâmicas que foram acontecendo, procurando fazer sair para fora a Igreja de Lisboa, levá-la às denominadas periferias, mostrando uma Igreja viva.

Neste último ano, a pandemia veio atrapalhar o que podiam ser muitas inicia-

tivas, mas sobretudo veio retirar gente das igrejas, literalmente. Começou por retirar quando, devido ao confinamento, não foi possível celebrar com a presença dos fiéis; depois, mesmo com o desconfinamento, pelos medos manifestados; mas parece-me, também, por uma desabitução de uma prática que precisa de maior consolidação da fé. É preciso uma fé mais esclarecida, mais aprofundada, mais acompanhada, e nós padres temos, também, responsabilidade nisso. Mas é necessário a disponibilidade pessoal de quem se quer deixar acompanhar, fazer-se acompanhar ou procurar ser acompanhado. Se, por um lado, a partir da pandemia e com o recurso aos meios digitais foi possível a Igreja estar presente junto daqueles que sentiam a sua falta e se conseguiram chegar a outros que até nem eram

próximos, há uma franja daqueles que até andavam por cá, mas talvez sem saberem porque vinham, e agora não estão, nem fisicamente nem digitalmente. Na lógica comercial, o ‘produto’ existe e é atrativo: Jesus Cristo. O consumidor tem o produto à sua disposição e o marketing que o promove é da responsabilidade de cada um, porque passa pela vida de cada dia. Será que se procura um Jesus com medida certa para cada pessoa, ou aceita-se Jesus na vida com o que cada pessoa é? O Jesus que conhecemos deu a vida por nós e convida a atitudes de coerência e de mudança de vida para uma maior perfeição, conscientes das falhas que podem acontecer. No entanto, é sempre possível recorrer ao serviço de apoio ao consumidor para reparar ou ajustar o que precisa ser ajustado. Devoluções, não são precisas.

“Será que se procura um Jesus com medida certa para cada pessoa, ou aceita-se Jesus na vida com o que cada pessoa é?”

## FICHA TÉCNICA

Registo n.º 100277 (DGCS) - Depósito legal: 137400/99; Propriedade: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Gerência: Francisco José Tito Espinheira, Joaquim Daniel Vieira Loureiro e Maria Teresa Alves Vieira Novo; Capital Social: 100.000 euros - Seminário Maior de Cristo Rei (95%) e Patriarcado de Lisboa (5%); NIPC: 500881626; Editor: Nova Terra, Empresa Editorial, Lda.; Tiragem: 5300 exemplares; Diretor: P. Nuno Rosário Fernandes (p.nunorfernandes@patriarcado-lisboa.pt); Site: www.vozdaverdade.org; Redação: Diogo Paiva Brandão (diogopb@patriarcado-lisboa.pt), Filipe Teixeira (filipeteixeira@patriarcado-lisboa.pt); Colaboradores regulares: Aura Miguel, P. Vítor Gonçalves; Fotografia: Arlindo Homem, Filipe Amorim, Luís Moreira; Opinião: António Bagão Félix, A. Pereira Caldas, Guilherme d'Oliveira Martins, Isilda Pegado, José Luís Nunes Martins, P. Alexandre Palma, P. Duarte da Cunha, P. Gonçalo Portocarrero de Almada, P. Manuel Barbosa, P. Nuno Amador, Pedro Vaz Patto; Colaboração: Cáritas Diocesana de Lisboa, Departamento de Liturgia, Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, FEC - Fundação Fé e Cooperação, Setor de Animação Vocacional, Setor da Pastoral Familiar, Serviço da Juventude, Comissão Justiça e Paz dos Religiosos; Design Gráfico e Paginação: Divide by Two, Lda - www.dividebytwo.pt | office@dividebytwo.pt; Pré-impressão e impressão: Empresa do Diário do Minho, Lda. - Rua de São Brás, 1, Gualtar, 4710-073 Braga - comercial@diariodominho.pt - Tel: 253303170; Distribuição: Urgentissimo Transportes, Lda. (Enviália) - Rua Luís Vaz Camões, s/n, Zona Industrial Arenas, 2560-684 Torres Vedras - Tel: 261323474; Sede do Editor e Sede da Redação: Mosteiro de São Vicente de Fora - Campo de Santa Clara 1100-472 Lisboa - vozverdade@patriarcado-lisboa.pt; Serviços Administrativos: Sara Nunes, de 2ª a 6ª-feira, das 9h00 às 16h00, Tel: 218810556, Fax: 218810555, saranunes@patriarcado-lisboa.pt.



## ASSINE JÁ!

Faça a sua assinatura e receba o jornal, em sua casa, durante um ano.

Faça hoje mesmo a sua assinatura, escolhendo uma das seguintes opções:



**218 810 556**  
2ª a 6ª feira, entre as 9h00 e as 16h00



**saranunes@patriarcado-lisboa.pt**  
Envie um email com os seus dados



### Preencha, destaque e envie o cupão

Complete a assinatura fazendo o pagamento através do NIB 001800003724403600184, cheque ou vale postal, à ordem de Nova Terra, Empresa Editorial, Lda. O envio do comprovativo ou do meio de pagamento deverá ser feito para Nova Terra Empresa Editorial, Lda. Mosteiro de São Vicente Fora - Campo de Santa Clara - 1100-472 Lisboa; fax: 218 810 555; email: saranunes@patriarcado-lisboa.pt

Nome \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código postal \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

Email \_\_\_\_\_ NIF \_\_\_\_\_ N.º Assinante \_\_\_\_\_

Assinatura anual:  Individual (20 €)  Benfeitor (25 €)  Benemérito (30 €)